SALÃO DO CONHECIMENTO UNIJUÍ 2025
Água, ciência e sustentabilidade: desafios para o futuro
De 20 a 24 de outubro de 2025
XXXIII Seminário de Iniciação Científica
XXX Jornada de Pesquisa
XXVI Jornada de Extensão
XV Seminário de Inovação e Tecnologia
XI Mostra de Iniciação Científica Júnior
III Seminário Acadêmico da Graduação UNIJUÍ

Evento: XXX Jornada de Pesquisa

EDUCAR PARA EXISTIR: A ESCOLA COMO ESPAÇO DE CRIAÇÃO, SUBJETIVAÇÃO E ENCONTRO COM A CULTURA[1]

Annamaria Machado Batista[2], Taiz Cristiane Speroni[3], Vânia Lisa Fischer Cossetin[4]

[1] Pesquisa desenvolvida na disciplina Ética e Formação do Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Educação nas Ciências (PPGEC) da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ).
[2] Mestranda em Educação nas Ciências da UNIJUÍ. Bolsista PROSUC/CAPES, annamaria.batista@sou.unijui.br.
[3] Mestranda em Educação nas Ciências da UNIJUÍ. Bolsista PROSUC/CAPES, taiz.speroni@sou.unijui.edu.br.
[4] Professora Orientadora. Doutora e Mestre em Filosofia pela PUC-RS. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijuí. Vania.cossetin@unijui.edu.br.

INTRODUÇÃO

A educação, quando compreendida em sua dimensão mais profunda, não se limita apenas à transmissão de conteúdos disciplinares nem somente à preparação técnica para o mercado de trabalho. Trata-se, sobretudo, de um processo simbólico de subjetivação, no qual o sujeito se inscreve na linguagem, apropria-se da cultura e se constitui no laço social. Como aponta Silvia Bleichmar (2008), a função primeira da educação é produzir subjetividades, o que exige pensar a escola como espaço de formação integral, onde se dá o encontro com o outro, com o saber e com as múltiplas formas de expressão do humano.

Nesse contexto, torna-se urgente redimensionar a concepção de escola e reivindicar seu papel como mediadora entre o sujeito e o mundo simbólico da cultura. Ela deveria ser um lugar de criação e de ampliação subjetiva. Isso implica garantir o acesso das crianças a diferentes linguagens — como a arte, a música, a dança, a poesia, o teatro, entre outras — a fim de contribuir para o enriquecimento do repertório psíquico e simbólico, recursos fundamentais para a elaboração do sofrimento, para a construção de alternativas diante dos impasses da vida e para o fortalecimento da singularidade subjetiva em meio ao coletivo.

Este estudo propõe uma reflexão sobre a função formadora da escola a partir de uma perspectiva psicanalítica. Cabe destacar, ainda, que este trabalho está vinculado ao quarto Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que visa garantir uma Educação de Qualidade, em virtude da sua articulação entre educação, psicanálise e cultura.

METODOLOGIA

As reflexões apresentadas nesse trabalho emergem da disciplina "Ética e Formação" do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação nas Ciências da UNIJUÍ, ministrado pela professora Vânia Lisa Fischer Cossetin. Para a construção teórica deste trabalho, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e exploratória. A pesquisa se sustenta em textos e autores discutidos ao longo da disciplina referida, a partir de um recorte vinculado à psicanálise.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escola é um dos primeiros espaços públicos que a criança frequenta, marcando uma transição significativa entre o universo íntimo da família e o campo coletivo da cultura. Essa travessia, ainda que muitas vezes naturalizada, é atravessada por conflitos simbólicos que exigem elaboração. A criança chega à escola já marcada por sua história familiar, por identificações primárias e por fantasias inconscientes que constituem sua subjetividade inicial. No entanto, ao ingressar cada vez mais cedo na escola e permanecer nela grande parte do seu dia, a experiência educativa passa a assumir um papel relevante na continuidade – e também na tensão – entre socialização primária (familiar) e secundária (institucional). Nesse contexto, o professor, os pares e as normas representam o Outro social diante do qual a criança vai encontrando formas de se inscrever simbolicamente. A escola, portanto, não é apenas um espaço de transmissão de saberes, mas um campo de ressignificação em que a criança elabora sua passagem do universo familiar ao coletivo.

A etimologia da palavra "escola", derivada do grego scholé — que significa "tempo livre" — aprofunda essa reflexão. Originalmente, a escola era concebida como um espaço dedicado ao pensamento, ao estudo e à contemplação, livre das exigências do trabalho e das urgências sociais (Jaeger, 2013). Esse sentido originário nos convida a repensar a função da instituição escolar na contemporaneidade: em vez de reproduzir a lógica da produtividade, do desempenho e da utilidade, através de formações técnico-profissionais, a escola deveria sustentar um tempo outro: o tempo das experiências, do acolhimento, da formação subjetiva e do cultivo do pensamento.

Em articulação com a perspectiva de Silvia Bleichmar (2008), a educação deve se afastar da lógica disciplinadora e utilitarista e se aproximar de uma ética do cuidado, da palavra com sentido e da construção de subjetividades capazes de viver em sociedade com

responsabilidade e esperança. Freud (1930/2011), em *O mal-estar na civilização*, já apontava que a cultura constitui uma das formas mais potentes de sublimação[1] da pulsão, sendo a escola, nesse sentido, uma das principais vias de acesso à cultura e, portanto, à sublimação. Ao oferecer acesso à linguagem, à arte, à música, à dança, ao teatro e à escrita, amplia-se o repertório simbólico do sujeito e possibilita a criação de recursos psíquicos para lidar com o sofrimento, oferecendo não apenas conteúdos, mas possibilidades de representação, nomeação e criação.

Na perspectiva psicanalítica, o sujeito se constitui na relação com o Outro, por meio da linguagem, do desejo e da cultura. Somos todos seres de linguagem desde o nascimento: interpretamos, compreendemos, traduzimos. No entanto, o processo de subjetivação não é espontâneo nem datado em termos de início e término, mas é mediado por experiências simbólicas que possibilitam nomear o que se sente, elaborar o vivido e narrar a si. A criança precisa ser acompanhada pelo olhar atento, cuidadoso e responsável dos adultos, que lhe ofereçam suporte para atravessar tanto os desafios quanto as alegrias da vida. Essa trajetória é também cultural, construída a partir do contato com diferentes formas de expressão, sentidos e discursos, com os quais a criança pode criar vínculos e, assim, participar da construção de sua própria história. Nas palavras de Cossetin e Santos Filho (2025):

> Deverá seguir acompanhado pelo olhar atento, generoso, amoroso e responsável dos adultos a lhes oferecer suporte para enfrentar as agruras e as alegrias da aventura que é viver. Em boa medida, tal façanha faz-se no e também compõe o tecido da cultura pelo tensionamento com distintos enunciados, sentidos, discursos, articulações significantes, aos quais a criança poderá se filiar, constituir vínculos e, assim, ajudar a escrever o enredo de sua própria história. Contanto, é claro, que lhe sejam oferecidas oportunidades para isso e não restrições intencionais pela oferta e promessa de lugar predestinado travestido de livre escolha e protagonismo. A ampliação de referências simbólicas e de repertórios culturais oferecidos pelos adultos e ao lado deles ressignificados e cocriados é condição para que o pequeno sujeito encontre um lugar para o seu singular modo de ser no mundo. Mas não só; também para que o adulto/educador faça jus ao lugar ético a instaurar-se no enlace amoroso deste encontro geracional (COSSETIN; SANTOS FILHO, 2025, p. 10).

Portanto, a escola precisa oferecer múltiplas formas de expressão — oralidade, escrita, corpo, arte — para que cada sujeito possa encontrar sua via de apropriação. Essa multiplicidade de linguagens é fundamental para que o saber não seja apenas um conteúdo externo, mas uma experiência subjetiva. O brincar, o narrar, o representar e o criar são formas

[1] A sublimação é um dos destinos possíveis da pulsão, em que a energia pulsional é desviada de seus alvos sexuais originais e direcionada para finalidades socialmente valorizadas, como a ciência, a arte, a cultura ou o trabalho criativo, permitindo uma satisfação indireta, ao mesmo tempo em que contribui para a vida coletiva.

de desenvolvimento simbólico que precisam ser valorizadas pela escola. Do mesmo modo, o corpo, como suporte da linguagem, requer ser escutado e mobilizado, inclusive por meio da dança, do teatro e da performance, formas que permitem dizer o que ainda não encontrou palavra.

Essa função é ainda mais urgente em contextos de vulnerabilidade social, onde a escola pode ser o único espaço de acolhimento e de acesso à cultura. Quando a escola se reduz à lógica da produtividade e da avaliação, ela empobrece a experiência subjetiva e compromete sua função simbólica. Ao contrário, quando ela se abre à escuta, à pausa, ao silêncio e à criação, torna-se um espaço de resistência frente ao conjecturado esvaziamento simbólico que marca o contemporâneo.

Fernando Savater (1997) afirma que educar é, antes de tudo, transmitir algo — e só se transmite aquilo que se considera digno de ser conservado. Em boa medida, é necessário defender a ideia de que ampliar o repertório simbólico e cultural das crianças, junto aos adultos que partilham e ressignificam essas vivências, é condição fundamental para que cada sujeito encontre seu próprio modo de estar no mundo. E, ao mesmo tempo, é nesse processo que o educador pode assumir, de fato, um lugar ético no encontro entre gerações.

O ato educativo, portanto, é fundamentalmente ético. Educar é enfrentar o mal-estar, o silêncio, o sofrimento e transformar essas experiências em possibilidade de simbolização. Freud (1937/2018), em *Análise terminável e interminável*, sugere que o trabalho clínico — assim como o trabalho educativo — nunca se encerra totalmente. Há sempre algo que escapa, que precisa ser reinscrito, reelaborado. A escola, ao assumir essa incompletude, torna-se lugar ético por excelência: espaço que não promete salvação, mas oferece escuta, cultura e lugar para o desejo como formas de resistência.

Essa função ética da escola é ainda mais essencial em tempos de esvaziamento simbólico, hiperprodutividade e sofrimento generalizado no qual o educar ganha contornos subversivos: o simples ato de escutar, de fazer pausa, de abrir espaço para o silêncio, de priorizar experiências formativas diante de práticas conteudistas tornam-se formas radicais de resistência à homogeneização e à exclusão. Educar para existir é educar para simbolizar, desejar e elaborar o que se impõe à subjetividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Educar é oferecer ao sujeito a possibilidade de existir simbolicamente. A escola, ao se constituir como espaço de criação, escuta e cultura, torna-se um lugar de ampliação subjetiva e elaboração do sofrimento. Ao articular desejo, linguagem e cultura, ela permite que o sujeito crie recursos psíquicos para enfrentar a vida com dignidade e sentido. Em tempos marcados pelo esvaziamento simbólico, pelo sofrimento psíquico generalizado e pela precarização dos laços sociais, uma escola que escuta, simboliza, acolhe e aposta no sujeito é um verdadeiro ato de resistência ética e de cuidado com o humano.

Palavras-chave: Educação. Psicanálise. Cultura. Simbolização. Subjetivação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLEICHMAR, Silvia. *Violencia social, violencia escolar: de la puesta de límites a la construcción de legalidades.* 1ª edição, Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didàctico, 2008.

COSSETIN, Vânia Lisa Fischer; SANTOS FILHO, Francisco Carlos dos. A erótica do ensinar e do aprender: a relação entre ética e educação a partir da psicanálise. In: CENCI, Angelo Vitório et al. (org.). *Ética e docência: volume II*. Chapecó: Passo Fundo: EDIUPF, 2025. Disponível em: www.upf.br/upfeditora. Acesso em: 19 ago. 2025.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930). In: FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930–1936*). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Obras completas de Sigmund Freud; v. 18).

FREUD, Sigmund. Análise terminável e interminável (1937). In: FREUD, Sigmund. *Moisés e o monoteísmo, Compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)* Tradução Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. (Obras completas de Sigmund Freud; v. 19).

JAEGER, Werner Wilhelm. O lugar dos gregos na história da educação. In: JAEGER, Werner Wilhelm. *Paidéia: a formação do homem grego.* Tradução de Artur M. Pereira; adaptação do texto para a edição brasileira Monica Stahel; revisão do texto grego Gilson César Cardoso de Souza. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. p. 3-18.

SAVATER, Fernando. Educar es universalizar. In: SAVATER, Fernando. *El valor de educar*. 2 ed. Barcelona: Ariel, 1997. p. 63-72.